



# A construção da oposição entre Lamarck e Darwin e a vinculação de Nietzsche ao eugenismo

Wilson Antonio FREZZATI JÚNIOR



## RESUMO

A construção da oposição total entre as teorias evolucionistas de Jean-Baptiste Lamarck e de Charles Darwin foi utilizada, em fins do século XIX e início do século XX, para classificar autores que escreviam sobre a evolução, mesmo aqueles que não eram cientistas. Claire Richter, em *Nietzsche e as teorias biológicas contemporâneas*, afirma que o lamarckismo de Nietzsche é muito pronunciado, e, para isso, distingue o que é propriamente darwiniano e propriamente lamarckiano. Em nosso trabalho, pretendemos entender por que essa distinção foi aplicada a um filósofo como Nietzsche. A chave da questão está, para nós, na diferença que a autora faz entre a seleção natural e a herança dos caracteres adquiridos e na relação que ela estabelece entre essas noções e o eugenismo. O objetivo de Richter é transformar Nietzsche em um dos principais e primeiros defensores do eugenismo. O seu esforço em mostrar que o pensamento nietzschiano é lamarckista está a serviço da divulgação de ideias eugenistas. A herança dos caracteres adquiridos, por sua relativa rapidez em alterar os seres vivos, pode embasar e justificar ações educativas e sociais para melhoria da raça.

PALAVRAS-CHAVE • Darwinismo. Eugenismo. Evolução. Lamarckismo. Seleção natural. Nietzsche.

## INTRODUÇÃO

O senso comum tem consagrado uma oposição completa entre as teorias evolucionistas de Jean-Baptiste Lamarck e de Charles Darwin. A teoria do naturalista francês seria errada e o naturalista inglês teria conseguido produzir a correta explicação da evolução. Suas teorias, portanto, seriam totalmente distintas. Essa concepção tem sido repetida há longo tempo pelos textos de divulgação científica e até mesmo pelos livros didáticos de biologia. Por exemplo, o arqueólogo Richard Leakey e o antropólogo Roger Lewin, em um livro de divulgação, afirmam:

Lamarck, sem o querer, propunha a suposição absurda de que o longo pescoço da girafa, por exemplo, fosse o resultado de gerações de espichamento de pescoço.

Como consequência, o lamarckismo, como sua teoria foi cognominada, trouxe algum descrédito a toda a causa da evolução (...). Tendo ao fundo os princípios de Lyell, tais ideias [as de Edward Blyth] aproximaram-se muito do darwinismo. Mas ficou para o próprio Darwin a reunião de todos os dados e elaborar uma teoria incontestável (Leakey & Lewin, 1980, p. 28).

Essa oposição foi utilizada, em fins do século XIX e início do século XX, para classificar autores que escreviam sobre a evolução. Em uma época em que o darwinismo, ou melhor, a seleção natural e a luta pela existência ainda não se tinham consolidado como a explicação científica dominante acerca da vida, havia autores que defendiam o lamarckismo como a teoria correta. Pensadores que não eram cientistas ou naturalistas eram classificados numa ou noutra corrente, sendo elogiados ou criticados segundo a preferência evolucionista do comentador. Parece-nos que este é o caso de uma tese de doutorado sobre Nietzsche, defendida por Claire Richter em 1911 na Faculdade de Letras da Universidade de Paris e publicada no mesmo ano. Esse é o tema deste artigo, ou seja, por meio da análise de Richter do pensamento nietzschiano sobre a evolução, colocar à luz quais conceitos eram considerados propriamente darwinianos e quais eram vistos como propriamente lamarckianos e, principalmente, entender por que essa distinção foi aplicada a um filósofo como Nietzsche. A autora utiliza noções bem estreitas para diferenciar a teoria de Lamarck da teoria de Darwin e, por isso, faremos algumas considerações sobre as duas teorias para enfatizar ainda mais esse procedimento de simplificação.

Uma leitura atenta dos textos de Darwin mostra, no entanto, que o naturalista inglês utiliza concepções também presentes no pensamento de Lamarck. Há um conjunto comum de noções entre os dois naturalistas que já aparece na primeira edição de *A origem das espécies* (1985 [1859]). Não estamos, com isso, querendo dizer que não há diferenças entre as teorias dos dois autores, elas existem e são determinantes.<sup>1</sup> Porém, queremos apontar a presença de interesses não científicos ou pseudocientíficos na tentativa de fazer um corte radical entre o darwinismo e o lamarckismo.

## I A TEORIA DA PROGRESSÃO DE LAMARCK

Jean-Baptiste Lamarck foi o primeiro a tentar montar um esquema específico para explicar o mecanismo do processo evolutivo dos seres vivos. Esse esquema pode ser mais bem entendido por meio de algumas considerações acerca dos termos utilizados pelo naturalista francês. O termo “teoria da progressão de Lamarck”, ao invés de “teoria da

<sup>1</sup> Para a distinção entre o programa darwiniano variacional e o programa lamarckiano transformacional, cf. Caponi, 2005; Mayr, 1998, p. 401-2.

evolução de Lamarck”, parece ser mais adequado (cf. Martins, 2007, p. 13-6). No início do século XIX, o termo “evolução” significava ontogênese, isto é, o desenvolvimento do indivíduo do ovo à idade adulta. O próprio Lamarck, para descrever suas ideias, lançava mão de outras palavras: aperfeiçoamento, progressão, desenvolvimento, progresso, mutação e mudança, que compunham termos com palavras tais como organização e composição. A escolha de “progressão” é justificada porque, em sua última obra, *História natural dos animais sem vértebras* (*Histoire naturelle des animaux sans vertèbres*, 1815-1822), essa palavra aparece frequentemente e, algumas vezes, com a grafia destacada. O termo “teoria” era utilizado pelo próprio naturalista francês para descrever suas conclusões (cf. Martins, 2007, p. 16). Na verdade, Lamarck nunca deu um nome a sua teoria da mudança e, além disso, sua intenção não era apenas propor uma teoria desse tipo, mas encontrar os fundamentos teóricos de toda a biologia.

O que acabou sendo conhecido como lamarckismo em muitos meios, mesmo acadêmicos, como veremos no caso de Richter, é apenas uma parte do pensamento lamarckiano sobre a vida. O lamarckismo foi identificado com a hipótese da transmissão dos caracteres adquiridos e a teoria do uso e desuso, as quais são apenas duas leis dentro de uma teia teórica complexa. O problema está não só na simplificação das ideias lamarckianas, pois as duas leis mencionadas acima eram usuais na época, não sendo exclusivas do naturalista francês (cf. Martins, 2007, p. 421). Entre os vários aspectos que compõem a teoria da progressão de Lamarck, podemos destacar os seguintes (cf. Martins, 2007, p. 61-76):

- (a) A origem dos seres vivos. A natureza deu origem aos seres vivos sem intervenção divina, apenas com a atuação das leis naturais. A vida é um fenômeno físico, o que faz com que Lamarck proponha a geração espontânea como processo de produção dos primeiros seres vivos. Os outros viventes são produzidos por aumento de complexidade, o que faz com que eles formem uma escala de grau de perfeição crescente.
- (b) A distinção entre corpos vivos e inanimados. Embora todos os corpos sejam produtos da natureza regidos por leis e a vida seja um fenômeno físico, o fenômeno vital é resultante de um estado particular proveniente do conjunto dos componentes do organismo, isto é, movimentos e mudanças em resposta a causas excitantes.
- (c) O desenvolvimento sequencial dos seres vivos. A explicação lamarckiana do surgimento da vida, do desenvolvimento dos seres vivos e do aparecimento das faculdades superiores dos animais leva em consideração o jogo entre a atração universal e a ação repulsiva que atuam sobre os constituintes materiais.

(d) As duas causas da progressão. Primeira, o poder vital de aumentar a organização que multiplica os órgãos particulares e aperfeiçoa as faculdades; e a segunda, a influência do meio que, de modo accidental, modifica a ação da causa anterior, transformando as partes dos seres vivos.

(e) As espécies são grupos arbitrários produzidos pelos naturalistas e não são naturais; essa concepção opunha-se ao essencialismo vigente no pensamento sobre os seres vivos.

(f) A concepção de massa. As massas lamarckianas são grandes grupos de espécies semelhantes às atuais ordens. Elas permitem comparar as espécies e definir qual a mais perfeita, pois cada massa tem seu próprio sistema de órgãos que aumentam em perfeição. Em número de quatorze, as massas também seguem um esquema de desenvolvimento: dos infusórios aos mamíferos, no caso dos animais.

(g) As leis gerais de progressão dos animais. As circunstâncias externas, aliadas à tendência natural do aumento de complexidade, determinam o desenvolvimento e a conservação dos órgãos. A influência externa cria no organismo necessidades vitais que, como resposta, produzem hábitos nos organismos. As mudanças podem ser transmitidas à descendência sob certas condições. Lamarck resume a modificação e o progresso gradual em quatro leis.

(1) A vida tem uma tendência a aumentar continuamente o volume do corpo vivo até o limite particular do próprio corpo.

(2) O surgimento de um novo órgão é resultado de uma nova necessidade que permanece e que provoca um novo movimento nos fluidos corporais.

(3) O desenvolvimento dos órgãos e sua força de ação são proporcionais ao seu emprego.

(4) Tudo que foi adquirido durante a vida de um indivíduo é conservado pela transmissão aos novos indivíduos.

Veremos adiante que Richter, para classificar Nietzsche como lamarckista, baseia-se quase que exclusivamente nas duas últimas leis, as chamadas leis do uso e desuso e da transmissão dos caracteres adquiridos, utilizando-as inclusive como características que distinguem o lamarckismo do darwinismo. Mesmo o embriologista francês Félix Le Dantec, em sua proposta de integração do lamarckismo com o darwinismo, a qual abordaremos abaixo, identifica o primeiro com essas duas leis. Assim, o contexto francês que interessa aos nossos objetivos parece fazer uma extrema

simplificação do pensamento de Lamarck. Por essa simplificação ter fundamentado os critérios para analisar o pensamento nietzschiano, apresentamos um pouco mais a lei do uso e desuso e a lei da transmissão dos caracteres adquiridos.

A teoria lamarckiana da progressão, como vimos, postula que as modificações nos seres vivos ocorrem devido a uma tendência natural de complexificação e a uma interação dinâmica entre os organismos e o ambiente, de tal modo que os primeiros poderiam modificar-se quando diante de mudanças exteriores. Uma alteração no ambiente exige o aumento ou a diminuição do uso de certas partes do corpo. Com o uso ou desuso, a estrutura dessas partes transforma-se. A alteração física ocorre porque a mudança do meio externo exige uma nova necessidade (*besoin*); os fluidos e as forças corporais são mobilizados para modificar a estrutura que irá satisfazer a necessidade (cf. Lamarck, 1994, p. 216). Esse movimento corporal é o que Lamarck chama “sentimento interior” (*sentiment intérieur*). Essa nova característica, se perdurarem as condições de seu aparecimento, repetir-se-á nas novas gerações, acabará sendo fixada e será transmitida aos descendentes. A transmissão para a nova geração de tudo o que a natureza faz os indivíduos adquirir ou perder por influência das condições exteriores ficou conhecida como lei da transmissão dos caracteres adquiridos. Lamarck afirma que “são (...) os hábitos, a maneira de viver e todas as outras circunstâncias influentes que, com o tempo, constituíram a forma do corpo e das partes dos animais” (1994, p. 237).

Outro equívoco persistente sobre a posição de Lamarck na história da ideia de evolução é o de pensar que houve uma total rejeição do lamarckismo em sua época. Segundo Bowler (2003, p. 86-90), os textos do naturalista francês, com algumas semelhanças à teoria de Erasmo Darwin, foram atacados por seus contemporâneos conservadores. Entretanto, eles foram recebidos entusiasticamente por pensadores considerados radicais e fora do *establishment* científico. Os debates sobre o lamarckismo teriam até mesmo contribuído para a emergência do darwinismo. Esse apoio e outras situações, ainda segundo Bowler, criam problemas de interpretação para os historiadores. Por exemplo, o trabalho de Lamarck foi realmente a primeira grande tentativa de construir uma teoria ampla sobre a transformação dos seres vivos, na qual todos os seres vivos se desenvolveram de ancestrais primitivos, e uma leitura rigorosa de seus textos mostra que sua teoria é baseada em princípios significativamente diferentes dos atuais. Os neolamarckistas do final do século XIX, no entanto, consideravam que Lamarck propôs a moderna visão de evolução, na qual todos os principais grupos de animais divergiram de um ancestral comum. O naturalista francês não renunciou o conceito de divergência de um ancestral comum, enquanto Darwin trata a evolução como um processo de divergência (metáfora da árvore), Lamarck trata da progressão dos seres vivos por meio de várias séries lineares (metáfora da escada).

## 2 A TEORIA DA EVOLUÇÃO DE DARWIN

A teoria da evolução de Darwin surgiu após as inúmeras observações realizadas em sua viagem ao redor do mundo a bordo do *Beagle*, de 1831 a 1836. Por quase vinte anos, Darwin acumulou evidências e estudos sobre a mutação das espécies e os revelou apenas a uns poucos amigos. Em uma carta de 11 de janeiro de 1844 a Joseph Hooker, diz:

eu estou quase convencido (completamente ao contrário da minha opinião inicial) que as espécies não são (é como confessar um assassinato) imutáveis. Que os céus me protejam da insensatez de Lamarck da “tendência à progressão”, da “adaptação a partir da lenta vontade dos animais”<sup>2</sup> etc., porém, as conclusões às quais sou conduzido não são muito diferentes das dele, embora os meios de mudanças sejam inteiramente outros (Darwin, 2011b).

Darwin possuía uma série de cadernos de notas privados, identificados por letras e, através deles, podemos acompanhar o desenrolar de suas ideias evolucionistas (cf. Desmond & Moore, 1995, p. 247-8). Ele passou a acreditar que alguma coisa deveria alterar continuamente as espécies. Na anotação B18 do Caderno B, intitulado *Transmutação das espécies* (provavelmente iniciado em julho de 1837, logo após a viagem do *Beagle*, e terminado em fevereiro de 1838), lemos: “Causas desconhecidas de mudança. (...) Toda espécie que muda, progride. Homem obtém ideias. O mais simples não pode evitar tornar-se mais complexo; e, se nós olharmos a origem primeira, deve haver progresso” (Darwin, 2011a). Um trecho de B169 afirma que “se todos os homens morressem, então macacos produziriam homens. Homens produziriam anjos” (2011a). Apesar do sucesso de seus textos sobre a viagem e de seus espécimes coletados (animais, vegetais, fósseis e minerais) e de sua convicção cada vez maior no processo de transmutação das espécies, Darwin demora a publicar seu pensamento sobre o tema. Receios sobre a recepção de sua teoria, que contrariava não apenas o conhecimento, mas também os valores sociais vigentes, e sua insatisfação acerca dos dados empíricos que poderiam corroborar suas ideias, além de alguns problemas particulares, fazem com que ele adie cada vez mais o aparecimento de suas conclusões sobre a evolução. Em 1859, finalmente, publica *A origem das espécies*, texto no qual a luta pela existência e a seleção natural são conceitos axiais.

<sup>2</sup> Burrow aponta um equívoco na tradução lida por Darwin. A interpretação correta do termo de Lamarck seria “needs” (“besoin”, necessidade) ao invés de “willing” (desejo ou vontade) (cf. Burrow, 1985, p. 32).

As transformações dos seres vivos são causadas, na luta pela sobrevivência, pela seleção de determinadas características que são transmitidas à descendência. Essa seleção proposta por Darwin tem alguns pressupostos:

- (a) a existência de mais indivíduos do que suportam os meios de subsistência (pressuposto baseado no princípio de Malthus e responsável pela luta pela existência);
- (b) a variabilidade dos seres vivos, o que aumenta a probabilidade de alguma variedade possuir características que a favoreçam na luta pela existência;
- (c) a transmissão hereditária das características selecionadas, o que, ao longo do tempo, provoca a formação de uma nova espécie.

A introdução de um elemento populacional, ou seja, a diferença entre indivíduos, faz com que a evolução darwiniana apresente um caráter não necessário, pois a seleção de determinada variação é contingente, ocorrendo através da luta entre os próprios indivíduos e entre eles e as condições ambientais do local onde vivem. O que é selecionado não é nenhuma capacidade superior, mas apenas o sucesso na sobrevivência e na reprodução. Não há nenhuma força ou agente que faça a seleção. A adaptação de uma espécie constrói-se na interação entre os seres vivos e o seu ambiente. Darwin não chamava sua teoria de darwinismo, mas frequentemente se referia a ela como “teoria da descendência com modificação por seleção natural” (cf. Mayr, 1991, p. 90).

Podemos considerar que, de modo geral, uma simplificação também ocorre com a teoria de Darwin, já que ela aparece muitas vezes reduzida basicamente à luta pela existência e à seleção natural. Mayr, por exemplo, considera a expressão “teoria da evolução de Darwin” uma aproximação grosseira, pois a teoria de Darwin pode ser considerada um conjunto de teorias (cf. Mayr, 1991, p. 35-47). Considerando apenas aquelas teorias que Mayr pensa serem válidas atualmente, elas são as seguintes:

- (a) Evolução. O mundo não é constante, nem recentemente criado, nem perpetuamente cíclico, mas está em constante transformação e os organismos modificam-se com o tempo.
- (b) Descendência comum. Todos os grupos de organismos descendem de um único ancestral comum. Animais, plantas e microrganismos têm a mesma origem.
- (c) Multiplicação de espécies. A enorme diversidade orgânica é explicada pelo surgimento de espécies a partir de outras espécies. Populações isoladas geograficamente evoluem para novas espécies.

(d) Gradualismo. As transformações evolucionárias ocorrem através de mudanças graduais das populações e não por produção repentina de novos indivíduos.

(e) Seleção natural. As transformações evolucionárias são causadas pela produção abundante de variação genética em cada geração; os poucos indivíduos que sobrevivem, devido a uma combinação particularmente bem adaptada de características herdadas, dão origem a uma nova geração.

Entre as teorias darwinianas que Mayr não considera válidas atualmente temos a seleção sexual, a pangênese e o efeito do uso e desuso.

### 3 ASPECTOS COMUNS AOS PENSAMENTOS DE LAMARCK E DARWIN

Darwin, a exemplo da carta citada acima na qual comparou de modo exagerado o lamarckismo com um crime, não teceu palavras muito elogiosas sobre Lamarck: “[a obra de Lamarck] parece-me extremamente pobre; não adquiri dela um fato ou uma ideia” (carta a Charles Lyell de 11 de outubro 1859, Darwin 2011b). Em outra carta a Joseph Hooker (10 de setembro de 1845), Darwin afirma, talvez com uma dose de autoironia,

(...) Quão dolorosamente verdadeira é (para mim) tua observação de que ninguém tem o menor direito de examinar a questão das espécies sem que haja descrito minuciosamente muitas delas. (...) Ao que eu me lembro, Lamarck é a única exceção de alguém que descreveu espécies com precisão, pelo menos no reino dos invertebrados, a ter-se recusado a crer em espécies permanentes, mas ele, em seu trabalho absurdo, apesar de brilhante, causou prejuízos a esse assunto, tal como fez o Sr. Vestígios [Robert Chambers, autor do anônimo *Vestiges of the natural history of creation*, 1844], e como fez (segundo dirá, talvez, algum futuro naturalista irrefletido que se arrisque a fazer as mesmas especulações) o Sr. D.[arwin] (Darwin *apud* Burkhardt, 2000, p. 148).

Apesar desses discursos, alguns aspectos presentes na teoria de Lamarck aparecem em *A origem das espécies* de 1859, por exemplo, o uniformitarismo, o gradualismo, o papel do hábito na fixação de características, a ação do uso e desuso de estruturas, a herança dos caracteres adquiridos e a questão das lacunas na sequência das espécies. Vejamos a ação do uso e desuso e as lacunas na sequência de fósseis.

As variações, na teoria darwiniana, são a causa da diversificação das espécies, contudo, não há necessidade de que elas ocorram. A ocorrência das variações segue



leis naturais que não estão vinculadas a nenhuma finalidade. Ao discorrer sobre a variação nas espécies domesticadas, Darwin afirma não acreditar que “a variabilidade seja uma contingência necessária e inerente, sob todas as circunstâncias, com todos os seres orgânicos, como alguns autores pensam” (Darwin, 1985 [1859], p. 99-100). O naturalista inglês enumera várias prováveis causas da variação, tais como o uso e desuso de certas estruturas, o intercruzamento de espécies, a ação direta das condições de vida sobre o sistema reprodutor, a correlação de crescimento (a alteração de uma parte provoca mudanças em outras partes relacionadas) etc.; no entanto, conclui, tanto em *A origem das espécies* como em *A descendência do homem*, que o processo é muito complexo e multicausado (cf. Darwin, 1985 [1859], p. 71-113, 173-204, 1936, p. 910). Considera-se que a ação direta do ambiente (condições externas e alimentação) é muito pequena na produção de modificações. Na citação abaixo, vemos que o papel do uso e do desuso é significativo.

Nossa ignorância das leis da variação é profunda. Em nenhum caso entre cem poderemos assinalar a razão pela qual esta ou aquela parte difere, mais ou menos, da mesma parte dos ascendentes. Mas sempre que temos meios de comparação, as mesmas leis parecem ter atuado para produzir as menores diferenças entre variedades da mesma espécie, e as maiores diferenças entre espécies do mesmo gênero. Condições externas de vida, tais como clima e alimentação etc., parecem ter induzido algumas leves modificações. Hábitos na produção de diferenças constitucionais, uso no fortalecimento e desuso no enfraquecimento e diminuição de órgãos parecem ter sido mais potentes em seus efeitos (Darwin, 1985 [1859], p. 202).

Todas as causas de variação mencionadas, além de causarem variações que, ao serem selecionadas na luta pela sobrevivência, originam novas espécies, são elas mesmas também causas do surgimento de espécies, porém, para Darwin, a seleção natural é a principal e a mais predominante causa de novas espécies (cf. Darwin, 1985 [1859], p. 69, 100).

Lamarck tentava relacionar as características dos fósseis com aquelas de seres existentes, propondo que as diferenças eram resultantes de transformações. Se, entretanto, uma espécie fóssil não correspondesse a nenhuma espécie de organismo conhecida, o naturalista considerava que ela poderia ser descoberta algum dia. Dessa forma, a teoria tornava-se compatível com as lacunas na sequência de espécies (cf. Moreel, 2007, p. 44). Nas palavras do próprio naturalista francês,

na verdade, enquanto houver lacunas a preencher nas nossas distribuições, devido à quantidade de animais e vegetais que ainda não foram observados, nós sempre encontraremos essas linhas de separação que nos parecem postas pela própria natureza, mas essa ilusão se dissipará à medida que observarmos mais (Lamarck, 1994, p. 132).

Darwin também se preocupa com o problema das lacunas nas sequências de fósseis e reserva dois capítulos de *A origem das espécies* para discutir-lo: o capítulo 9, “Sobre a imperfeição do registro geológico” e o capítulo 10, “Sobre a sucessão geológica dos seres orgânicos”.

Ressalta-se que não queremos apontar aspectos lamarckistas em Darwin, o que seria persistir na simplificação realizada pelos autores franceses que estamos tratando. Conforme já dissemos sobre a teoria da progressão de Lamarck, alguns desses aspectos eram comuns no pensamento biológico da época e a presença deles nos textos darwinianos não faz do naturalista inglês um lamarckista.

#### 4 O CONTEXTO FRANCÊS DO EVOLUCIONISMO POR VOLTA DO ANO DE 1900

O momento em que Richter escreve sobre o pretenso lamarckismo de Nietzsche está compreendido no período entre 1875 e 1925, que Julian Huxley denominou “eclipse do darwinismo”. Esse termo descreve a situação que existia anteriormente à moderna síntese entre a genética e a seleção natural (anos 1930 e 1940). Embora o evolucionismo se tivesse firmado nessa época, uma variedade de teorias não darwinianas desenvolveu-se, muitas delas baseadas nas críticas que Darwin havia recebido ainda em vida, especialmente contra a seleção natural (cf. Bowler, 2003, p. 224-44). Os neolamarckistas, de modo geral, defendiam a transmissão dos caracteres adquiridos, considerada por Darwin um mecanismo de adaptação ao ambiente (portanto, secundário ao processo de evolução) e vista por muitos como a própria teoria de Lamarck. Outras alternativas eram a ortogênese, que explicava tendências não adaptativas em termos de forças orgânicas internas, e a teoria da recapitulação,<sup>3</sup> que tinha como modelo o desenvolvimento embrionário. Essas teorias, segundo Bowler (2003, p. 225), tiveram apoio porque possuíam um elemento teleológico e moral do qual a seleção natural estava desprovida. No início do século xx, a falta de evidências experimentais já ameaça-

<sup>3</sup> Richards discorda de Bowler de que a teoria da recapitulação não seja darwiniana. Ela formaria “o coração da própria teoria da evolução de Darwin” (Richards, 2009, p. 5, 148-56).

va o chamado neolamarckismo,<sup>4</sup> mas, fora dos círculos científicos, o darwinismo era considerado morto e escritores como George Bernard Shaw continuavam insistindo na superioridade moral das doutrinas identificadas como lamarckistas.

O neolamarckismo não se apresentava de uma única forma, sendo que um dos únicos pontos em comum era o desprezo pela seleção natural (cf. Bowler, 2003, p. 237-8). A não aceitação desse conceito darwiniano estava ligada à interpretação de que a seleção natural deixava o organismo à mercê do meio, ou seja, a vida e a morte dependiam do acaso.<sup>5</sup> Se o hábito fosse visto como a força diretiva da evolução, o organismo passaria a ter participação ativa no processo. Dessa forma, o neolamarckismo, pela introdução de uma teleologia, assumia uma posição moral superior à teoria de Darwin. A herança dos caracteres adquiridos era a alternativa mais frequente dos neolamarckistas à seleção darwiniana, porém alguns deles enfatizavam a ação direta do meio sobre o organismo em detrimento do uso/hipertrofia de certa estrutura, outros enfocavam a ortogênese, outros ainda introduziam a participação divina. A filosofia evolucionária de Herbert Spencer desempenhou importante papel na crítica à seleção natural e na nova interpretação da transmissão dos caracteres adquiridos (cf. Arréat, 1894). Na Alemanha, mesmo o autoproclamado darwinista Ernst Haeckel incorporou elementos do neolamarckismo e Rudolf Virchow utilizava a noção de herança dos caracteres adquiridos. Nos Estados Unidos, o neolamarckismo também era forte e variado, destacando-se os paleontologistas Edward D. Cope e Alpheus Hyatt de perspectiva morfológica, baseados na teoria da recapitulação (cf. Bowler, 2003, p. 240-2). Cope via no lamarckismo uma possibilidade da consciência ser vista como uma força-guia da evolução. O quadro se complexifica ainda mais, se considerarmos que alguns dos mais ativos neolamarckistas eram filósofos e literatos (cf. Bowler, 2003, p. 237).

Na França, segundo Bowler (1992, p. 107-8, 2003, p. 187, 272), grande parte da história do evolucionismo desenrola-se de forma isolada da Grã-Bretanha, da Alemanha e dos Estados Unidos. Houve também debates entre darwinismo e lamarckismo no final do século XIX, mas em um contexto bem diferente. Alguns motivos para esse isolamento são apontados por Bowler,<sup>6</sup> os mais importantes são:

4 Assim como Darwin, os neolamarckistas não foram capazes de criar um modelo satisfatório de hereditariedade para suportar suas teorias (cf. Bowler, 2003, p. 237).

5 As várias críticas ao selecionismo nessa época não implicam o total abandono da seleção natural. August Weismann, por exemplo, considerava-a o único mecanismo aceitável de evolução (cf. Bowler, 2003, p. 225).

6 O fato de que o neolamarckismo na França, como em outros lugares, desenvolveu-se também em reação ao neodarwinismo de Weismann sugere que os franceses, ao menos, tinham conhecimento dos debates que ocorriam fora da França. Assim, o chauvinismo cultural e linguístico não pode ser considerado um fator importante para o isolamento, embora não tenha havido interação significante com antidarwinistas estrangeiros (cf. Bowler, 1992, p. 107-8).

- (a) apesar de *A origem das espécies* ter sido traduzida para o francês, esse texto não foi responsável por converter os cientistas franceses ao evolucionismo. Essa conversão ocorreu na França de modo mais gradual e, mesmo no início do século xx, um número surpreendente de biólogos franceses ignorava ou se opunha ao evolucionismo;
- (b) os evolucionistas franceses se preocupavam muito pouco com os mecanismos de mudanças, havendo preferência por teorias não mecanicistas, e mesmo as teorias de Lamarck não seriam muito discutidas antes dos anos 1890;
- (c) o uso proeminente da anatomia comparada de Cuvier que levava a ver as transmutações como mudanças puramente estruturais;
- (d) a falta de naturalistas de campo; os resultados dos naturalistas de campo foram essenciais ao desenvolvimento do evolucionismo, especialmente na Inglaterra;
- (e) a falta de desenvolvimento de uma genética que se opusesse aos neolamarckistas e outras correntes não darwinianas, como ocorreu na Inglaterra e nos Estados Unidos. Além disso, na França, os geneticistas não se conseguiram estabelecer de forma autônoma e independente no sistema acadêmico;
- (f) a tradição racionalista cartesiana levou os cientistas franceses a desconfiar de mecanismos baseados em variações aleatórias;
- (g) a estrutura da comunidade acadêmica francesa, que propiciava o controle e a influência de poucos professores sobre a promoção de jovens cientistas, além da centralização monopolizadora de Paris que dava às universidades francesas um caráter conservador e resistente às novas ideias.

Para aprofundarmo-nos nesse diferente contexto francês, apresentaremos a proposta de conciliação entre darwinismo e lamarckismo do embriologista francês Félix Le Dantec. De acordo com o quadro geral apresentado por Bowler, a teoria de Le Dantec introduz um componente teleológico à seleção natural. Contudo, essa proposta apresenta um caráter mecanicista, ao tentar explicar as mudanças celulares por mudanças na distribuição quantitativa de substâncias intracelulares.

## 5 LAMARCKISMO E DARWINISMO COMO TEORIAS COMPLEMENTARES

Le Dantec (1899) tenta mostrar que o darwinismo e o lamarckismo não são excludentes ou incompatíveis, mas, ao contrário, são teorias que se complementam. Ao pensar que a distância entre as duas teorias é produto do radicalismo dos chamados neodarwinistas, o naturalista francês propõe-se a defender a transmissão dos caracteres adquiridos. Tanto Lamarck como Darwin, segundo o autor, tiraram suas conclusões da observação da natureza e elas, igualmente, são importantes para entendermos os fatos naturais ligados à evolução. Rejeitar os princípios lamarckianos implica desconhecer as mais importantes consequências da lei da seleção natural (cf. Dantec, 1899, p. 8-9).

No entanto, ao tentar conciliar as duas teorias, o embriologista francês torna claro o que considera darwiniano e lamarckiano: a seleção natural e a luta pela existência, do lado de Darwin, e o uso e desuso e a transmissão dos caracteres adquiridos, do lado de Lamarck. Segundo o autor, não há incompatibilidade entre a ideia de que as variações hereditárias das espécies resultam das necessidades do organismo em relação às novas condições de existência e a ideia de seleção natural que conserva os mais aptos a prosperar nas condições do meio. Entretanto, os neodarwinistas não estabelecem nenhuma relação entre a variação dos elementos reprodutores e os caracteres adquiridos, ou seja, não aceitam a transmissão dos caracteres adquiridos (cf. Dantec, 1899, p. 32-3). A negação da transmissão dos caracteres adquiridos é, para o francês, a base do sistema neodarwinista. Essa rejeição está baseada em duas razões intrinsecamente ligadas. Primeiramente, as variações aparecem ao acaso e sem relação com o grau de utilidade que possam ter ao indivíduo. As modificações são aleatórias e não estão ligadas às necessidades da vida em determinado meio ambiente. Em segundo lugar, os caracteres adquiridos não são hereditários, apenas a seleção natural explica a complexidade progressiva dos organismos. O próprio Darwin, segundo Le Dantec, não teria pensado da mesma forma que os neodarwinistas.

Os neodarwinistas são aqui mais exclusivos que Darwin, quem nunca pensou em negar a hereditariedade dos caracteres adquiridos; ele tentou, ao contrário, aliás de forma muito infeliz [a teoria das gêmulas], explicar essa hereditariedade. (...) É necessária verdadeiramente uma fé muito robusta para admitir que todas as variações úteis a uma espécie sejam sempre produzidas uma primeira vez por acaso (Dantec, 1899, p. 32-3).

A própria teoria da hereditariedade de Darwin seria uma tentativa de incluir a transmissão dos caracteres adquiridos. Para Le Dantec, apesar do desprezo declarado por Lamarck, Darwin compreendeu muito bem a utilidade do princípio da transmis-

são dos caracteres adquiridos na formação das espécies e tentou aplicá-lo em sua própria teoria da hereditariedade. “Darwin não era tão darwinista e permitiu-se levar a sério o segundo princípio de Lamarck, aquele da hereditariedade dos caracteres adquiridos, como se esse princípio fosse necessário e como se a *seleção natural* não fosse suficiente *sozinha* para explicar a formação das espécies!” (Dantec, 1899, p. 68).<sup>7</sup> Outra prova dessa postura, adiciona o embriologista francês, seriam as modificações realizadas nas edições seguintes de *A origem das espécies*. Talvez pressionado pelas críticas contra a seleção natural, o naturalista inglês parece dar, na última edição de seu livro (sexta edição, 1872), um papel importante para a transmissão dos caracteres adquiridos. Le Dantec cita Darwin: “essas modificações [as variações dos seres vivos] foram efetuadas principalmente pela seleção natural de numerosas variações pequenas e vantajosas; além disso, os efeitos hereditários do uso e desuso das partes promoveram uma potente ajuda a essa seleção” (Darwin *apud* Dantec, 1899, p. 83).<sup>8</sup>

Le Dantec argumenta que a seleção natural não se pode sustentar se os caracteres adquiridos não forem hereditários (cf. Dantec, 1899, p. 71). Por outro lado, os dois princípios de Lamarck são consequências diretas da seleção natural que ocorre entre os tecidos (p. 30). Os neodarwinistas seriam menos intransigentes, se não tratassem os seres complexos como se fossem plastídeos isolados (seres unicelulares). Os animais superiores possuem duas propriedades análogas aos plastídios: a primeira é que eles se multiplicam sem variar, quando as condições externas permanecem favoráveis e não mudam; a segunda é que eles variam, quando essas condições mudam e essas variações são hereditárias (esta é a lei da persistência do mais apto ou seleção natural e é uma verdade evidente) (p. 31). Entretanto, Darwin enuncia a lei da seleção natural apenas para os seres de organização elevada. E, nas palavras de Le Dantec, “é também para eles que a expressão *luta pela existência* é verdadeiramente aplicável e representa outra coisa que uma maneira imagética de falar” (p. 31). Se no mundo existissem apenas plastídios isolados, os neodarwinistas teriam razão e as variações ocorreriam absolutamente ao acaso, não havendo nenhuma finalidade a cumprir (p. 34-5). Assim, a seleção natural agiria apenas posteriormente às variações para conservar os mais aptos e a adaptação dar-se-ia após sua ação.

<sup>7</sup> Le Dantec (cf. 1899, p. 94-9, 154-90) vai tentar sustentar a transmissão dos caracteres adquiridos por meio de uma teoria química da hereditariedade e também por meio da rejeição da teoria das gêmulas e da teoria de Weismann.

<sup>8</sup> Le Dantec extrai essa citação de Darwin (1876b, p. 564), uma das várias traduções francesas da sexta edição de *A origem das espécies*. Em Darwin, 1872 (sexta edição) e 1876a (sexta edição com adições e correções), na mesma p. 421, encontramos textos idênticos. Comparando-se o texto em francês com os originais ingleses, nota-se apenas, no primeiro caso, a ausência do termo “successive”: “nombreuses variations légères et avantageuses” para traduzir “numerous successive, slight, favourable variations”.

Contudo, na realidade, continua Le Dantec, os plastídios associam-se, formando conjuntos distintos uns dos outros. Os plastídios do aglomerado lutam<sup>9</sup> e interferem uns nos outros de maneira mais direta e intensa que nos plastídios periféricos e mais exteriores. Em consequência, a seleção natural é mais forte nos plastídios do conjunto multicelular do que nos seres unicelulares. O resultado dessa seleção é uma manifestação ou ato, em cada instante, do conjunto de células, e esses atos estão adaptados à função que o tecido realiza. Em outras palavras, as modificações adquiridas e que serão transmitidas estão em relação com as funções realizadas, elas não são aleatórias. E as funções, por sua vez, estão ligadas às condições ambientais. As variações aleatórias são triadas por seleção natural no interior do organismo de tal modo que só permanecem aquelas adaptadas à função. Aqui, a seleção natural age antes da fixação das variações. Portanto, não há variações aleatórias nos seres superiores, ou seja, sem relação com os caracteres adquiridos anteriormente. Le Dantec lamenta o desprezo de Darwin por Lamarck: “é a glória imortal de Darwin ter introduzido na ciência essa noção [seleção natural] tão simples e, ao mesmo tempo, tão fecunda, mas ter ignorado Lamarck será sempre uma mácula em sua glória” (Dantec, 1899, p. 36).

## 6 LAMARCKISMO E DARWINISMO NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

Os comentadores de Nietzsche têm identificado em seus textos tanto elementos darwinistas quanto elementos lamarckistas. Dennett (cf. 1998, p. 189) acredita que o filósofo alemão concordava com as ideias de Darwin sobre a natureza, mas teria se incomodado com a falta de sentido inerente ao mundo darwiniano. A filosofia nietzschiana, segundo esse ponto de vista, teria sido uma tentativa de produzir uma explicação do universo que não o destituísse de significado, embora levasse em conta o darwinismo. O eterno retorno, segundo Dennet (1998, p. 190), teria essa função. O retorno, infinitas vezes, de fatos ocorridos aleatoriamente produz, para o homem, uma história com significado e sentido. Smith considera que o filósofo alemão, ao interpretar de modo errado a teoria da evolução de Darwin, foi darwinista sem o saber. Ao confundir as ideias evolucionistas do naturalista inglês com as da *Naturphilosophie*, estava criticando na verdade um modelo de evolução epigenético próprio desta última e não do darwinismo (cf. Smith, 1987, p. 68-73). Nietzsche, segundo Smith, empregava, em suas pretensas

<sup>9</sup> Uma teoria do desenvolvimento que considerava a luta entre as moléculas orgânicas e as células, além de tecidos e órgãos, já havia sido proposta pelo biólogo alemão Wilhelm Roux, considerado neolamarckista, na obra *Der Kampf der Teile im Organismus*, de 1881. Em outro trabalho, mostramos a influência de Roux na luta dos impulsos por mais potência de Nietzsche (cf. Frezzatti Júnior, 2001, p. 68-75).

críticas ao darwinismo, argumentos que seriam empregados pelos próprios darwinistas no embate com outras correntes evolucionistas. Segundo Kaufmann (cf. 1974, p. XIII), embora não fosse darwinista, Nietzsche teria sido despertado do “sono dogmático” pelo naturalista inglês da mesma forma que Kant por Hume. Outros autores (cf. Pena, 1997, p. 4-5) apontam em Nietzsche a tendência de destruir aqueles que lhe serviram de mestres; por meio de críticas ferozes, o filósofo alemão ocultaria a utilização das ideias de Darwin.

Dennett propõe que Nietzsche, ao lado de Thomas Hobbes e Darwin, teria sido um dos primeiros sociobiólogos, porque suas teorias sobre o nascimento da moral integram cultura e biologia (cf. Dennett, 1998, p. 483-9). A contribuição mais importante do filósofo alemão à biologia social, segundo o autor, é a sua constante aplicação de uma das ideias fundamentais do próprio Darwin ao reino da evolução cultural, ou seja, não deduzir da situação de algo no passado a sua função ou seu significado atual. A ideia nietzschiana da imposição de uma nova perspectiva ou tábua de valores em decorrência do surgimento de uma nova hierarquia de impulsos é aproximada à visão de Darwin sobre a morfologia de um órgão e sua função (cf. SW, v. 5, p. 314; Darwin, 1985 [1859], p. 431-2; Caponi, 2009). Para Dennett, o filósofo alemão, apesar de seus ataques ao naturalista inglês, escreveu em *Genealogia da moral* uma das primeiras e mais sutis investigações darwinistas sobre a evolução da moral. O real alvo das críticas nietzschianas teria sido “a ingenuidade histórica dos darwinistas”, isto é, “o otimismo panglossiano sobre a pronta adaptabilidade da razão humana à moral” (Dennett, 1998, p. 484-5). As críticas de Nietzsche seriam, na verdade, contra Herbert Spencer e Paul Rée e não contra Darwin. Spencer e Rée consideravam um caminho simples e direto para o altruísmo. Nietzsche recusaria esse otimismo e anteciparia a rejeição da “falácia naturalista” (proposta por G. E. Moore), ou seja, a crítica à dedução do “dever ser” a partir do “ser”.

Halévy identifica no pensamento nietzschiano uma tendência lamarckista, mas, infelizmente, o autor não apresenta argumentos para demonstrar essa afirmação (cf. Halévy, 1977, p. 186). Charles Andler aponta um duplo registro no pensamento evolucionista do filósofo alemão. Nietzsche seria lamarckista no que se refere à evolução biológica e darwinista no que se refere ao desenvolvimento da moral (cf. Andler, 1958, v. 1, p. 467-75, v. 3, p. 111 ss.).

Em um trabalho anterior, mostramos a dificuldade de classificar Nietzsche como darwinista, já que o termo assume vários significados (cf. Frezzatti Júnior, 2001, p. 27-59). Os comentadores geralmente não explicitam exatamente o que querem dizer quando afirmam que Nietzsche é darwinista, sendo comum utilizarem darwinismo simplesmente como sinônimo de evolucionismo. Optamos por compreender as críticas nietzschianas contra Darwin a partir do que o próprio filósofo entendia por darwinismo. Embora o lamarckismo não tenha sido objeto de nosso estudo anterior,



acreditamos que a situação não deve ser muito distinta. Apontamos, no entanto, a semelhança do processo de desenvolvimento cultural nietzschiano com o conceito de adaptação funcional do neolamarckista alemão Wilhelm Roux (cf. Frezzatti Júnior, 2001, p. 84-6, 124-33). Um estímulo externo, ao agir como fator de diferenciação de uma parte em luta com outras partes, produz uma nova estrutura. O funcionamento dessa parte passa a estar em dependência direta daquele estímulo, enquanto ele excitar a parte, ela se desenvolve, se ele extinguir-se, a parte atrofia-se.

A partir de agora, apresentamos quais as características que Richter acredita serem lamarckistas nos textos nietzschianos e tentamos entender o motivo de sua distinção entre as características darwinianas e as lamarckianas.

## 7 A ANÁLISE DE RICHTER

### ACERCA DAS TEORIAS EVOLUTIVAS NA OBRA DE NIETZSCHE

Na introdução de sua obra de 1911, Richter declara que, em seus dias, a biologia já teria feito uma distinção nítida entre a teoria da descendência (Lamarck) e a teoria da seleção (Darwin). No entanto, o grande público e os comentadores de Nietzsche ainda não teriam atingido essa distinção. Eles chamam de darwinismo um lamarckismo acrescido da seleção natural (cf. Richter, 1911, p. 7-8). Além disso, a autora critica aqueles que apontam um darwinismo no pensamento nietzschiano sem saberem efetivamente o que é darwinismo. Seu objetivo é mostrar a impropriedade de considerar Nietzsche um darwinista. Ao admitir que Nietzsche não leu os próprios textos de Darwin e de Lamarck, ela se propõe traçar, na obra nietzschiana, um “lamarckismo semi-inconsciente” (p. 9), isto é, Nietzsche seria lamarckista sem o saber. Para isso, Richter terá que definir claramente a diferença entre o darwinismo e o lamarckismo e compará-los com as noções presentes no texto nietzschiano.<sup>10</sup>

Em cada capítulo do livro, Richter vai analisar em Nietzsche um aspecto sobre a evolução que pode colocá-lo ao lado de Darwin ou Lamarck, a saber, o evolucionismo e a teoria da descendência (capítulo 1), a adaptação ao meio (capítulo 2), a hereditariedade dos caracteres adquiridos (capítulo 3), a luta pela existência (capítulo 4), a seleção natural e artificial (capítulo 5), a seleção sexual (capítulo 6), a teoria das mutações de De Vries (capítulo 7) e o além-do-homem (capítulo 8).

<sup>10</sup> Richter indica as fontes de Nietzsche acerca das teorias da evolução: Friedrich Albert Lange, Carl L. Rüttimeyer, Ernst von Baer, Oscar Schmidt, Carl von Nägeli, Paul Rée, Herbert Spencer, G. H. Schneider, Wilhelm Roux, William Henry Rolph e Francis Galton (cf. Richter, 1911, p. 13-40). Nesses autores, Richter aponta a predominância do lamarckismo ou neolamarckismo, a presença de darwinismo misturado com lamarckismo (Schmidt) ou a discordância do filósofo alemão com ideias darwinistas (Spencer).

A questão da evolução sempre interessou a Nietzsche. Richter (1911, p. 47) apresenta o trecho de um texto escrito por Nietzsche aos 17 anos, ainda na Fürstenschule de Pforta. “Por acaso, não seria o homem simplesmente a evolução da pedra por intermédio da planta, do animal?” (Nietzsche, 2005, p. 61). Em uma anotação ou fragmento póstumo (23 [26] final 1876 – verão 1877),<sup>11</sup> temos que a noção de evolução ou desenvolvimento é própria do homem elevado.

Quanto mais o homem é desenvolvido (*entwickelter*), melhor ele percebe o movimento. Menos desenvolvido, quase tudo lhe parece parado, não somente as opiniões, os costumes, mas também as fronteiras, a terra e o mar, as montanhas etc. O olho só consegue progressivamente ver o movimento. É necessário a ele imensos períodos para perceber a permanência sem mudança, a aparência da duração (SW, v. 8, p. 413).

Analogamente a Schneider, autor próximo ao darwinismo e com quem o filósofo alemão estaria mais em discordância do que em concordância (cf. Richter, 1911, p. 33), Nietzsche aproxima o evolucionismo do século XIX a Heráclito e Empédocles (p. 48). Ele não considera que o progresso é uma consequência necessária da evolução e nem que ela se direciona ao homem (1911, p. 52, 59). Além disso, o filósofo alemão aceitaria o chamado princípio filogenético, ou seja, o desenvolvimento ontogenético repete o desenvolvimento filogenético (p. 57). Sem muita razão, Richter conclui desses aspectos acima mencionados que “as numerosas passagens em que se manifesta o evolucionismo de Nietzsche nos autorizam a considerá-lo como discípulo, embora semi-inconsciente, de Lamarck” (p. 71). Sua estratégia foi aproximar Nietzsche dos lamarckistas e mostrar que a maior parte das vezes que o filósofo alemão citava as ideias de Darwin ou dos darwinistas era para criticá-las ou, quando concordava com elas, Lamarck as teria enunciado antes. Esse seria o caso da origem simiesca do homem. Segundo Richter, Lamarck havia falado dela antes de Darwin (p. 61). Nesse capítulo, a semi-inconsciência do lamarckismo de Nietzsche é atribuída a uma confusão, pois o filósofo consideraria a evolução uma ideia darwinista (p. 70).

Richter considera que a biologia de sua época baseia-se, em grande parte, na teoria da adaptação. A seleção natural seria apenas uma teoria secundária, pois os melhores adaptados sobrevivem (cf. Richter, 1911, p. 75). A importância da adaptação já teria sido reconhecida por Lamarck, que a associa à ação direta do meio ambiente so-

<sup>11</sup> Nietzsche também possuía cadernos de anotações nos quais escrevia novas ideias, reflexões, rascunhos, trechos de textos de outros autores, planos de obras etc. Essas anotações são chamadas de fragmentos póstumos. O primeiro número indica o volume do caderno, o segundo número entre colchetes identifica a anotação e a data refere-se ao período provável em que o caderno foi escrito.

bre os seres vivos. E Nietzsche também aceitaria essa influência, como, por exemplo, no fragmento póstumo 11 [210] da primavera-outono 1881, “os inorgânicos nos *condicionam* totalmente: água, luz, solo, tipo de solo, eletricidade etc. Nós somos plantas em tais condições” (SW, v. 9, p. 525). Em sua biblioteca, alguns livros mostrariam seu interesse na influência da nutrição: *Os comestíveis* (E. Smith) e *Como podemos nos nutrir de maneira vantajosa e econômica* (C. A. Meinert) (p. 77). Aqui, a autora aproxima o filósofo alemão ao neolamarckista Roux. Ambos defendem a adaptação funcional e a ação do uso e desuso (p. 84-92). Outros autores também teriam contribuído para a noção nietzschiana de adaptação, tais como Herbert Spencer e Georg Heinrich Schneider. Nietzsche aceitaria a combinação que Spencer faz entre adaptação e seleção natural, embora rejeite a ideia spenceriana de adaptação completa, pois esta levaria a um apenamento da humanidade, o que contraria sua doutrina da vontade de potência. Essa teoria sofre grande influência de Schneider, pois perceber, sentir e pensar é uma única e mesma coisa, que pouco a pouco diferenciaram-se conforme a diferenciação morfológica dos órgãos.<sup>12</sup> A adaptação funcional é responsável pela divisão fisiológica do trabalho (princípio de Milne-Edwards). A questão da transformação dos animais aquáticos em terrestres é transposta para a humanidade (cf. fragmento póstumo 36 [2] junho-julho 1885, SW, v. 11, p. 549-50) e, nesse caso, mais uma vez, Nietzsche seguiria os neolamarckistas, especialmente Roux. Daí Richter extrair como conclusão para o segundo capítulo que, ao filósofo alemão advogar a adaptação, ela é apresentada de acordo com os lamarckistas (cf. Richter, 1911, p. 93).

Atingimos, na questão da hereditariedade dos caracteres adquiridos, um ponto importante para entendermos os pressupostos de Richter. Ao considerar que Nietzsche dava grande importância à hereditariedade (cf. SW, v. 8, p. 301), discute, no terceiro capítulo, a transmissão das características intelectuais, morais, artísticas e aquelas ligadas ao gênio. A autora dá grande destaque a esses aspectos e, embora mostre que Nietzsche oscilava na questão da hereditariedade,<sup>13</sup> acaba por concluir que “estamos, portanto, autorizados a considerar Nietzsche como partidário da teoria da hereditariedade dos caracteres adquiridos e a declará-lo devido a isso discípulo de Lamarck” (Richter, 1911, p. 112). Além disso, afirma que a teoria da hereditariedade de Darwin em *A variação dos animais e das plantas domesticados* é, na verdade, lamarckista. É quase certo que Nietzsche tenha lido esse livro, mas, para Richter, essa leitura não o fez

<sup>12</sup> Richter traz como exemplos os seguintes fragmentos póstumos: 12 [27] verão 1883 (SW, v. 10, p. 404), 26 [80] verão-outono 1884 (SW, v. 11, p. 169-70), 40 [38] agosto-setembro de 1885 (SW, v. 11, p. 647-8) e 1 [91] outono 1885 – primavera 1886 (SW, v. 12, p. 33).

<sup>13</sup> Como exemplo da concordância de Nietzsche com a transmissão dos caracteres adquiridos, cf. o fragmento póstumo 23 [151] final de 1876, verão 1877 (SW, v. 8, p. 459). Para a discordância, cf. o fragmento póstumo 14 [133] da primavera de 1888 (SW, v. 13, p. 315).

conhecer o darwinismo, já que essa obra estaria impregnada da transmissão dos caracteres adquiridos lamarckistas (p. 8).

Nos três primeiros capítulos do livro, Richter abordou temas considerados lamarckianos; nos próximos três, a discussão foca temas atribuídos às teorias de Darwin. No caso da luta pela existência, Nietzsche critica Darwin e propõe a luta entre impulsos por mais potência, a luta por dominação (cf. Frezzatti Júnior, 2001, p. 61-91). Para o filósofo alemão, a luta pela existência darwiniana assume apenas o caráter da conservação do mesmo, fechando os olhos para a vida enquanto processo de superação contínua. A luta se dá por crescimento de potência e por abundância e não para conservação da vida e pela escassez de recursos. Por seguir a luta das partes de Roux e por rejeitar, como Rolph, a luta pela existência na construção de sua teoria da vontade de potência, Nietzsche é visto por Richter como antidarwinista e antimalthusiano (cf. Richter, 1911, p. 131).

Nietzsche, segundo Richter, teria cometido dois equívocos com relação à seleção natural de Darwin. O primeiro refere-se ao caráter progressista da noção evolucionista do próprio naturalista inglês (cf. Frezzatti Júnior, 2001, p. 106-12). O filósofo alemão atribuiu a Darwin uma seleção progressiva talvez devido à sua leitura de *Teoria da descendência e darwinismo* (1873) de Oscar Schmidt, o qual considerava a evolução por seleção natural como progressista (cf. Richter, 1911, p. 137). O segundo equívoco teria sido confundir Spencer e Darwin. Spencer era progressista e Darwin, não. Além disso, Herbert Spencer era um grande crítico da seleção natural, como o próprio Nietzsche. O filósofo alemão, igualmente ao autor de *Introdução à ciência social*, considerava o cristianismo e a compaixão como entraves à seleção. Richter destaca que, apesar de Nietzsche rejeitar a seleção natural e não aceitar que os processos culturais e educacionais (seleção artificial) tenham um caráter definitivo, ele propunha processos seletivos, como, por exemplo, no fragmento póstumo 6 [203] outono 1880P:<sup>14</sup>

o desenvolvimento de um gosto que reclame o espetáculo de homens belos e alegres deve pré-existir. Aqui opera uma *seleção* (*selection*): nós buscamos aqueles cuja existência nos alegra e nós os encorajamos, enquanto que fugimos dos outros — eis a verdadeira moralidade! *Fazer desaparecer* os lastimáveis, os deformados e os degenerados, essa deve ser a tendência! Não conservar a todo preço! Quão belo sejam os sentimentos de clemência em relação aos indignos de nós, ou de ajuda aos infelizes e fracos, trata-se no conjunto de uma atitude excepcional que poderia tornar toda a humanidade vulgar (como o fez, por exemplo, o cristianismo) (SW, v. 9, p. 250).

<sup>14</sup> Outros exemplos: fragmentos póstumos 19 [79] outubro-dezembro 1876 (SW, v. 8, p. 349), 5 [38] verão 1880 (SW, v. 9, p. 189-90) e *O Anticristo* § 55-7 (SW, v. 6, p. 237-44).

Para a autora, Nietzsche visa ao aspecto positivo da seleção: a produção dos melhores (cf. Richter, 1911, p. 157), e o meio mais eficaz para isso é o sofrimento. Ao considerar o mal como meio indispensável para a seleção, Nietzsche, para Richter, acredita opôr-se a Spencer, mas, na verdade, o inglês também pensaria o mesmo (cf. p. 158-9). A conclusão é que, apesar das passagens em que o filósofo alemão critica a seleção natural, Nietzsche deve ser contado entre “os selecionistas mais resolutos e fervorosos” (p. 166). Embora Richter não explicita isso, fica muito claro na leitura do texto que ela quer aproximar o filósofo alemão de Spencer, apesar das críticas que o próprio Nietzsche desfere contra ele. Dessa forma, Richter o afasta de Darwin, já que Spencer era um conhecido crítico da seleção natural.

A rejeição nietzschiana da seleção sexual de Darwin é suportada por Richter através principalmente dos textos acerca do casamento e das relações sexuais. Tal como o neolamarckista Rütimayer, Nietzsche não aceita a escolha do mais belo macho pela fêmea, pois o impulso sexual não escolhe. Entretanto, no casamento, o instinto sexual deveria ser bem direcionado, como lemos no fragmento póstumo 4 [81] verão 1880.

Como as famílias nobres se mantiveram tão bem em todas as épocas? Porque os jovens não buscavam inicialmente no casamento uma satisfação sexual, acautelavam-se disso e não se deixavam arrastar pelo *amour passion* ou pelo *amour physique*, inadequados para realizar casamentos. (...) Eu sou partidário da reconstituição pela seleção [*zu züchten*] das aristocracias morais e de deixar alguma liberdade fora do casamento (SW, v. 9, p. 120).

Além disso, o objetivo da procriação deveria ser o de preparar uma vida vitoriosa e também a elevação da humanidade (cf. Richter, 1911, p. 181-4). Para a autora, “Dos filhos e do casamento” é o mais belo discurso de *Assim falava Zaratustra*, pois o casamento do futuro deve fazer com que dois sejam um para que cada um seja superado (p. 177). Richter conclui que Nietzsche transforma a seleção sexual de Darwin e insiste em sua aplicação rigorosa (p. 185). No entanto, o filósofo alemão seguiria os passos do naturalista inglês apenas aparentemente, pois, na realidade, a noção de seleção sexual não foi criada por ele, mas por seu avô Erasmus Darwin (cf. p. 169, 185).

No sétimo capítulo de seu livro, a autora reconhece a presença das variações rápidas e de pré-mutações nos textos nietzschianos, especialmente ligadas à explosão do gênio e às mudanças culturais, como, por exemplo, o fragmento póstumo 6 [23] verão 1875: “O gradualismo [“Allmählichkeit”] governa o mundo inteiro, entre os gregos tudo se faz muito rápido, mas também se desmancha terrivelmente rápido. Quando o gênio heleno esgotou seus tipos superiores, a Grécia declinou com a mesma rapidez”

(Nietzsche, 1999, v. 8, p. 106).<sup>15</sup> No entanto, Nietzsche consideraria as transformações rápidas como exceção: “*organismos mais antigos*: lentos processos químicos embutidos em processos ainda mais lentos, que explodem de tempos em tempos e, então, dominando em torno deles e, assim, obtendo para eles uma nova alimentação” (fragmento póstumo 11 [316] primavera-outono 1881; SW, v. 9, p. 564). Claire Richter conclui que Nietzsche, provavelmente influenciado por Rolph e Nägeli, admite, ao lado das variações lentas e graduais, as variações bruscas, mas apenas como exceções. Ou seja, Nietzsche estaria mais uma vez próximo do transformismo gradualista de Lamarck (cf. Richter, 1911, p. 199).

Em toda essa argumentação e na que se segue sobre o além-do-homem, Richter sempre associa o gradualismo a Lamarck: o filósofo alemão também é lamarckista porque, geralmente, apresenta a evolução como gradualismo. A nosso ver, a autora despreza o gradualismo darwinista, porque ela o considera tributário do gradualismo lamarckista.

Em seu último capítulo, Richter vai analisar um conceito propriamente nietzschiano e compará-lo com as teorias biológicas evolucionistas: o além-do-homem (“*der Übermensch*”).<sup>16</sup> A autora vai considerar o além-do-homem uma nova espécie e a etapa final de um longo e lento processo de evolução (transformismo). As formas intermediárias seriam a aristocracia (uma nova variedade) e a raça europeia pura (uma nova raça). Dessa forma, as noções de variedade, raça e espécie, segundo a autora, desempenhariam importante papel na filosofia nietzschiana, embora tanto em Nietzsche quanto na biologia elas sejam vagas (cf. Richter, 1911, p. 206). O caráter essencial do transformismo, ou seja, do lamarckismo é a lentidão, o que aparece em Nietzsche no fragmento póstumo 11 [276] primavera-outono 1881: “a transformação [*“Verwandlung”*] do homem exige milhares de anos para a formação do tipo, aliás, gerações: enfim *um* indivíduo percorre durante sua vida esses *vários* indivíduos” (SW, v. 9, p. 547).<sup>17</sup> Por considerar essa lentidão, o filósofo alemão teria pensado, segundo Richter (1911, p. 210), na existência de estágios intermediários entre o homem e o além-do-homem. As fases de variedade (aristocracia), raça (europeu puro) e espécie (além-do-ho-

<sup>15</sup> Richter indica outros textos: *Além de bem e mal* § 262 (cf. SW, v. 5, p. 214-7) e *Crepúsculo dos ídolos*, Incursões de um “extemporâneo” § 44 (cf. SW, v. 6, p. 145-6).

<sup>16</sup> Richter (1911, p. 203-204) aponta que, apesar de a ideia de além-do-homem ser considerada propriamente nietzschiana, ela é encontrada em um autor que o filósofo alemão leu muito e frequentemente despreza: Karl Eugen Dühring. Nietzsche teria lido *O valor da vida* (*Der Wert des Lebens*) de 1865 em 1875, pouco antes de referir-se pela primeira vez ao “homem do amanhã”. Nesse livro, encontram-se passagens que propõem a transformação da humanidade em uma espécie enobrecida e organizada de uma maneira superior à atual.

<sup>17</sup> Outros exemplos: *A gaia ciência* § 7 (SW, v. 3, p. 21) e os fragmentos póstumos 11 [177] primavera-outono 1881 (cf. SW, v. 9, p. 508) e 21 [3] 11 verão 1882 (cf. SW, v. 9, p. 683).

mem).<sup>18</sup> Na interpretação de Richter, a escravidão é necessária para a manutenção da cultura elevada e da aristocracia e, dessa nobreza, nascerá uma nova raça, a raça europeia pura, os “homens superiores” (SW, p. 214-7). Os “bons europeus” seriam, assim, uma preparação para essa raça, matriz do além-do-homem (cf. p. 218-29). Nietzsche teria apontado a existência de raças puras na história: os gregos, os romanos e os judeus (a mais forte e tenaz). Ao contrário dessas raças que permaneceram puras, a raça europeia necessita ser purificada. Para Richter, é esse processo que Nietzsche quer acelerar. A alegria de Zaratustra seria uma característica não existente nas raças puras anteriores, mas própria dos europeus puros, a alegria intelectual. Napoleão, Goethe, Beethoven, Stendhal, Heine e Schopenhauer seriam prenúncios da raça pura europeia. A conclusão da autora é que a evolução nietzschiana do homem para o além-do-homem e as suas fases intermediárias são análogas à evolução de qualquer outro ser vivo, e essa ideia está em consonância com a concepção do desenvolvimento lento e gradual da matéria viva (transformismo), que é uma ideia fundamentalmente lamarckiana.

Na conclusão geral do texto, Richter vai afirmar que o lamarckismo de Nietzsche é muito pronunciado (cf. Richter, 1911, p. 233-5). O filósofo alemão seria um lamarckista “semi-inconsciente”, e os motivos apontados explicitamente pela autora são três. Primeiro, embora Nietzsche negue a noção de progresso,<sup>19</sup> a noção nietzschiana de além-do-homem seria uma consequência direta da teoria lamarckista da evolução progressiva; segundo, Nietzsche aceitaria a origem simiesca do homem; e terceiro, o filósofo alemão aceitaria, implícita e explicitamente, as teorias fundamentais do lamarckismo: a adaptação ao meio (direta e funcional) e a hereditariedade dos caracteres adquiridos. A influência de Darwin estaria restrita ao selecionismo nietzschiano, de fundamental importância, pois trataria do destino da humanidade. Sendo assim, como explicar os excertos nietzschianos contra Darwin e Lamarck, e mesmo contra todas as teorias biológicas?

**18** Nietzsche, em seus textos, não faz essa associação apontada por Richter entre os tipos nietzschianos e as categorias biológicas. Para Richter (1911, p. 209), a leitura de Nietzsche sobre a pré-história revela seu interesse nas fases do desenvolvimento humano: O. Caspari, *A pré-história da humanidade (Die Urgeschichte der Menschheit)*, e John Lubbock, *A origem da civilização e o estado primitivo da raça humana (Die Entstehung der Civilisation und der Urzustand des Menschengeschlechts)*.

**19** O célebre trecho de *Ecce homo* em que o filósofo alemão reclama da associação do além-do-homem com o darwinismo é explicado por Richter pela relação que essa noção teria com a evolução progressiva, isto é, com o lamarckismo (Richter, 1911, p. 205). Em *Ecce homo*, “Por que escrevo livros tão bons” § 1, Nietzsche reclama que a noção de “além-do-homem”, proclamada por Zaratustra, foi distorcida ao avesso pelos antagonistas de sua filosofia: “no rebanho erudito, outros têm me acusado de darwinismo por causa disso: alguns o consideraram um ‘culto do herói’ que eu, entretanto, tão cruelmente rejeitei” (SW, v. 6, p. 299). Para a autora, essa reclamação é equivocada, já que o lamarckismo seria progressista e as teorias darwinianas, não.



Divisão do trabalho [*Arbeitsteilung*], memória [*Gedächtnis*], exercício [*Übung*], hábito [*Gewohnheit*], instinto [*Instinkt*], hereditariedade [*Vererbung*], capacidade [*Vermögen*], força [*Kraft*] – todas são palavras pelas quais não explicamos nada, mas contentamo-nos de designar e indicar (fragmento póstumo 1 [86] outono 1885 – primavera 1886) (SW, v. 12, p. 32).

A explicação, para Richter, é patológica (cf. Richter, 1911, p. 235-6). Essas críticas teriam sido escritas em uma época em que o seu ceticismo e o seu niilismo estavam extremados, o que seria sintoma de desorganização do pensamento, talvez ligado a uma desorganização química do cérebro. Como todo processo vital, essa doença teria ocorrido de modo lento e gradual. Ela propõe que uma pretensa necessidade exagerada e mórbida de Nietzsche em analisar e dissecar continuamente seus pensamentos, seus sentimentos e suas sensações seriam sintomas dos primeiros estágios de uma doença cerebral, muito antes da crise final em Turim. Richter, no final do livro, sugere que devemos procurar outros casos semelhantes ao do filósofo alemão para que essa doença cerebral possa ser prevenida.

## CONCLUSÃO: POR QUE CLASSIFICAR NIETZSCHE COMO LAMARCKISTA?

Por que Richter tenta mostrar a presença, mesmo inconsciente, de um lamarckismo em Nietzsche? Seus esforços são, por vezes, até mesmo claramente grosseiros e forçados. A autora, na realidade, efetua dois procedimentos de simplificação. Em primeiro lugar, na diferenciação entre os pensamentos de Lamarck e Darwin; e, depois, na classificação de Nietzsche como lamarckista e, conseqüentemente, como eugenista. No primeiro caso, ela não só desqualifica o darwinismo nos textos nietzschianos, mas desqualifica o próprio pensamento de Darwin, pois considera algumas noções darwinianas como já presentes em Lamarck ou em Erasmus Darwin. A chave da questão está, para nós, na diferença que a autora faz entre a seleção natural e a herança dos caracteres adquiridos e na relação que ela estabelece entre essas noções e o eugenismo. A seleção natural e a herança dos caracteres adquiridos definem claramente, para Richter, as teorias darwinistas e lamarckistas, respectivamente.

O modo pelo qual Richter trata, nos textos nietzschianos, a seleção, o casamento, a morte voluntária<sup>20</sup> e o além-do-homem mostram seu objetivo, que é o de transformar Nietzsche em um dos principais e primeiros defensores do eugenismo (cf. Frezzatti

<sup>20</sup> No capítulo 5 de seu livro (*La sélection naturelle et artificielle*), Richter afirma que Nietzsche, como Dühring, prega a morte voluntária e racional, que deveria substituir a morte natural. Ainda segundo Richter, se essa morte nos parece imoral hoje, ela fará parte da moral do amanhã (cf. Richter, 1911, p. 148-55).



Júnior, 2001, p. 135-7). No capítulo sobre a seleção sexual, a autora relaciona o filósofo alemão diretamente com o pensamento eugenista (cf. Richter, 1911, p. 178-84). O seccionismo nietzschiano teria tido influência na Inglaterra e nos Estados Unidos, e a ideia da preparação de uma vida gloriosa pelo controle da procriação – segundo Richter, uma proposta nietzschiana – seria o objetivo da “grande sociedade inglesa” Eugenics Society (p. 181). O texto *Herança e seleção na vida dos povos* (*Vererbung und Auslese im Lebenslauf der Völker*) de 1903, de Wilhelm Schallmeyer, estaria apoiado no pensamento nietzschiano. Segundo o mesmo Schallmeyer, o inglês Benjamin Kidd, em *Evolução social* (*Social evolution*) de 1894, só não cita o filósofo alemão porque teria se incomodado com os ataques nietzschianos à religião. O antropólogo alemão Otto Georg Ammon também ficaria incomodado com a dureza da filosofia nietzschiana, apesar de ter algumas semelhanças com ela. Ele lamenta que uma grande inteligência tenha penetrado nas trevas (imoralismo, individualismo e loucura). Haveria analogias entre as propostas eugenistas do antropólogo francês Georges Vacher de Lapouge em *Seleções sociais* (*Les sélections sociales*) de 1896 e as de Nietzsche. Analogias que também ocorreriam com Joseph Arthur de Gobineau (*Essai sur l'inégalité des races humaines*) de 1855 e Malwida von Meysenbug. Nietzsche tinha em sua biblioteca o texto original alemão e a tradução francesa de *Memórias de uma idealista*, de 1869, no qual von Meysenbug propõe a construção de uma humanidade melhor por meio da procriação seletiva. No entanto, como a própria Richter aponta, esse livro não pode ter sido influenciado pelo filósofo alemão, já que foi escrito antes que ele conhecesse Nietzsche. A autora atribui a Nietzsche outra ideia presente nos autores eugenistas ou racistas que defendem uma sociedade ao mesmo tempo natural e racional: a necessidade da escravidão para a manutenção de uma cultura elevada. Ela indica o livro já citado acima de Kidd, *História do federalismo* do historiador inglês Edward Augustus Freeman e *O ariano e seu papel social* (*L'Aryen et son rôle social*) de 1899 de Lapouge (cf. Richter, 1911, p. 214).

Vejamos com mais detalhes um desses autores que citam Nietzsche explicitamente. Ammon, em *A ordem social e suas bases naturais* de 1896, concorda com a superioridade dos homens mais inteligentes, mas afirma discordar com a opinião de que o mundo só existe em função da inteligência e da riqueza dos homens inteligentes e que a massa só serve de apoio a eles.<sup>21</sup> Segundo o próprio autor, sua crítica dirige-se contra

<sup>21</sup> Muffang, o tradutor da edição francesa do livro, considera que a teoria social e política de Ammon, ou seja, a aplicação da antropologia à ciência política, não é o resultado de uma mente imaginativa e retrógrada, como poderia parecer à primeira vista, mas produto de uma investigação científica minuciosa e original (cf. Ammon, 1900, p. v-vi). Ammon seria o fundador de uma ciência que prepara o amanhã visando ao interesse da humanidade, a antropossociologia. Essa nova ciência passou por quatro fases: 1 fase histórica: Gobineau (1853-1855); 2 fase biológica e zootécnica: Darwin e seus textos capitais de 1859 e 1871; 3 fase biopsicológica: Paul Broca, Lapouge, Escola de Montpellier, Paul Jacoby (1872-1890); 4 fase antropométrica: Ammon (1890-1896); 5 fase prática e legislativa: sociedades seccionistas americanas (1897-1899).

Nietzsche, quem veria apenas no homem superior o homem verdadeiro e consideraria que a massa serve apenas para a escravidão (cf. Ammon 1900, p. 71-2, 234-9). Essa “filosofia da dureza de coração” pregada por Nietzsche transforma os intelectuais de uma nação em decadentes incapazes de iniciativa. Para Ammon, as classes superiores e inferiores são inseparáveis, pois são adaptações a tarefas específicas. Seria insensato separá-las, uma sem a outra não pode realizar adequadamente suas tarefas. Seria insensato também misturá-las, já que é necessário que haja diferenças sociais, cujo papel é bem mais importante do que aquele imaginado por Nietzsche. O filósofo alemão, Gobineau e muitos outros declaram-se antidarwinistas, mas não percebem que eles próprios são darwinistas. Apesar disso, Ammon quer prestar justiça a Nietzsche. Ele teria perfeita consciência da importância da raça para a civilização, o que demonstra o gênio nietzschiano, pois ele chegou a essa conclusão permanecendo somente no terreno filosófico e histórico, conhecendo apenas os fragmentos da antropologia, ciência que, na época, apenas engatinhava. Assim, o filósofo alemão, embora se engane com sua concepção antissocial da relação entre classes, está correto quando fala sobre a sua composição. A raça germânica é a nobre besta loura e predadora, que abateu as hordas de povos morenos. Nesse conhecimento, Nietzsche ultrapassou até mesmo vários antropólogos. Para entender as bases psicológicas da filosofia nietzschiana, ainda segundo Ammon, deve-se compreender a seleção regressiva dos arianos. Desde o início da Idade Média, os elementos germânicos superiores estariam submetidos aos numerosos elementos inferiores estrangeiros. Esse abismo entre modos distintos de sentir e pensar era o mesmo que Nietzsche percebia ocorrer entre si próprio e a massa. Entretanto, para o antropólogo alemão, a origem da classe superior pouco importa para a realização de seus deveres sociais. Essa função deve ser realizada através de uma prática mais severa dos sentimentos altruístas. Nisso, a filosofia nietzschiana também teria acertado; em meio à “divinização sentimental da massa” em voga no início do século xx, tentou resgatar a individualidade e a inteligência.

Essa era, portanto, uma forte imagem que estava associada a Nietzsche no início do século xx: uma grande inteligência, até mesmo um gênio, que estava preocupada com o melhoramento da humanidade. Alguns, e entre eles Richter, consideravam-no como um pioneiro do eugenismo, e a autora deixa transparecer em seu livro um entusiasmo pelas ideias eugenistas. Assim, parece-nos que a distinção de Richter entre lamarckismo e darwinismo e o seu esforço em mostrar que o pensamento de Nietzsche é lamarckista está a serviço da divulgação de ideias eugenistas. A herança dos caracteres adquiridos, por sua relativa rapidez em alterar os seres vivos, pode embasar e justificar ações educativas e sociais para melhoria da raça, ou seja, o eugenismo. Além de menor tempo, a opção considerada lamarckista possibilitaria uma melhor previsão do resultado, já que tem como pressuposto uma relação direta entre uma nova característica e o

meio ambiente. Não podemos esquecer o caráter progressista que a autora atribui ao evolucionismo de Lamarck. A seleção natural, por sua vez, associada ao gradualismo e à aleatoriedade darwinianos, dificultaria o estabelecimento de programas de melhoramento da espécie. Esse quadro também explica por que é importante para a autora insistir na presença da herança dos caracteres adquiridos nos textos de Darwin.<sup>22</sup>

Richter parece seguir o panorama esboçado por Bowler em que o neolamarckismo pretende introduzir um componente teleológico que faltaria à seleção natural, pois uma teleologia é necessária a um programa eugenista. A autora, portanto, advogaria um “lamarckismo social”. Bowler (1992, p. 18-9) aponta que a pretensão de que o lamarckismo serviria como veículo para o progresso humano já existia desde o final do século XIX. O termo “lamarckismo social”, entretanto, nunca teve a mesma popularidade de “darwinismo social”. Talvez essa diferença originou-se da percepção popular de que o lamarckismo não seria mais do que um movimento marginal na ciência, incapaz de produzir reflexões sobre a sociedade. Mas, adverte Bowler, várias implicações sociais foram extraídas do lamarckismo. Por exemplo, o individualismo proposto pelo filósofo Herbert Spencer, que estava mais próximo do lamarckismo que da seleção darwiniana. A imagem do lamarckismo como uma filosofia de vida necessariamente mais otimista, porque pressupõe seres vivos ativos, opondo-se ao materialismo e ao determinismo, fica comprometida quando estudos históricos revelam que as teorias lamarckistas também fundamentaram a hierarquia entre as raças, ou seja, o racismo. É justamente para essa fundamentação que Richter faz uso da filosofia de Nietzsche, transformando-a em lamarckismo. Assim, os textos apontados por Richter como prova do “selecionismo resolutivo e fervoroso” de Nietzsche devem ser lidos com cuidado, tendo como pano de fundo a própria filosofia nietzschiana e não a suposição de que seu pensamento é um programa de práticas para melhoria da humanidade.

Poderíamos perguntar por que Richter considera importante associar o nome de Nietzsche ao eugenismo. O motivo não é difícil de ver se considerarmos a “moda Nietzsche” que tomou conta dos salões parisienses entre o fim do século XIX e 1910 (cf. Carassus, 1966, p. 5-6, 192-3, 359-64). Antes de Nietzsche, esses ambientes sociais e festivos foram dominados por Tolstói, Wagner, o ocultismo e o anarquismo; após, os balés russos. Esses salões eram frequentados pela alta sociedade, o que incluía muitos intelectuais e cientistas, e estar associado às demolidoras ideias nietzschianas significava ser contra os valores morais vigentes e ansiar por mudanças na sociedade.

<sup>22</sup> Em *Le monisme de Lamarck*, no qual afirma ser monista e aponta Lamarck como um dos precursores do monismo, Richter (1909, p. 5-30) acusa Darwin de ter sido injusto com o naturalista francês em seus textos e de ter deturpado as noções lamarckistas. O uso cada vez maior que o naturalista inglês faz da transmissão dos caracteres adquiridos é interpretado pela autora como uma aproximação ao lamarckismo, ela afirma que, no fim da vida, Darwin produziu um “lamarckismo darwiniano” (p. 6).

Significava, de modo geral, ser *snob*: ter consciência de uma superioridade – verdadeira ou imaginária – que, ao mesmo tempo em que isola, propicia contatos sociais, ser alvo de admiração de caráter artístico, intelectual e/ou social, ter satisfação de estar na moda e, finalmente, desejar parecer ultrapassar e desprezar a moda anterior (os *snobs* nietzchianos queriam ser além-dos-homens). Obviamente, como a própria Richter demonstra, apesar de seu conhecimento detalhado das fontes nietzschianas, toda essa cena baseava-se em um conhecimento superficial das ideias filosóficas do próprio Nietzsche.❹

AGRADECIMENTOS. Este trabalho é parte de pesquisa de pós-doutoramento realizada na França, supervisionada pelo Prof. Dr. Patrick Wotling (Université de Reims). Agradeço o financiamento da pesquisa pela Capes (Projeto Capes-Cofecub: “Crises e anátemas da modernidade filosófica: Spinoza e Nietzsche como sismos na metafísica da subjetividade”, coordenado pelo Prof. Dr. André Martins) e o apoio da Unioeste.

Wilson Antonio FREZZATTI JÚNIOR

Professor Doutor de Filosofia,

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil.

wfrezatti@uol.com.br

#### ABSTRACT

The construction of the total opposition between the Lamarckian and the Darwinian evolutionary theories was employed to classify authors – scientists or not – who wrote about evolution in the late nineteenth and early twentieth century. Claire Richter, in *Nietzsche et les theories biologiques contemporaines* (1911), argues that Nietzsche’s Lamarckism is very pronounced, and, for this, she distinguishes what is properly Darwinian or Lamarckian. In our article, we want to understand why this distinction was applied to a philosopher like Nietzsche. The key issue is the difference made by Richter between the natural selection and the inheritance of acquired characteristics and the relationship that she establishes between these notions and the eugenics. Her goal is to show Nietzsche to be an early and leading advocate of eugenics. Her effort to demonstrate that Nietzsche’s thought is Lamarckian serves for the dissemination of eugenicists ideas. The inheritance of acquired characteristics can support and justify the social and educational measures to improve the race, because it is faster than the natural selection to modify living beings.

KEYWORDS • Darwinism. Eugenics. Evolution. Lamarckism. Natural selection. Nietzsche.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMON, O. *L'ordre social et ses bases naturelles, esquisse d'une anthroposociologie*. Paris: Albert Fontemoing, 1900.
- ANDLER, C. *Nietzsche – sa vie et sa pensée*. Paris: Gallimard, 1958. 3 v.
- ARRÉAT, L. Compte rendu de “Herbert Spencer. *The inadequacy of 'natural selection'*”. *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, 37, p. 102-5, 1894.
- BOWLER, P. J. *The eclipse of darwinism: anti-darwinian evolution theories in the decades around 1900*. Baltimore: Johns Hopkins University, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Evolution: the history of an idea*. 3 ed. Berkeley: University of California, 2003.
- BURKHARDT, F. (Ed.). *As cartas de Charles Darwin: uma seleção, 1825-1859*. São Paulo: Unesp, 2000.
- BURROW, J. W. Editor's introduction. In: DARWIN, C. R. *The origin of species*. 17 ed. London: Penguin Books, 1985. p. 11-48.
- CAPONI, G. O darwinismo e seu outro, a teoria transformacional da evolução. In: *Scientiae Studia*, São Paulo, 3, 2, p. 233-42, 2005.
- \_\_\_\_\_. Historia del ojo: Nietzsche para darwinianos; Darwin para nietzscheanos. *Temas & Matizes*, 8, 15, p. 10-26, 2009.
- CARASSUS, E. *Le Snobisme et les lettres françaises: de Paul Bourget à Marcel proust : 1884-1914*. Paris: Armand Colin, 1966.
- COLLI, G. & MONTINARI, M. (Ed.). *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgab*. Berlin: Walter de Gruyter, 1999. 15 v. (SW).
- DANTEC, D F. *Lamarckiens et darwiniens, discussion de quelques théories sur la formation des espèces*. Paris: F. Alcan, 1899.
- DARWIN, C. R. *The origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. 6 ed. London: John Murray, 1872. Disponível em: <<http://darwin-online.org.uk/content/frameset?itemID=F391&viewtype=text&pageseq=1>>. Acesso em: 24 mar. 2011.
- \_\_\_\_\_. *The origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. 6 ed. London: John Murray, 1876a. Disponível em: <<http://darwin-online.org.uk/content/frame set?viewtype=text&itemID=F401&pageseq=1>>. Acesso em: 24 mar. de 2011.
- \_\_\_\_\_. *L'origine des espèces au moyen de la sélection naturelle*. Paris: Reinwald, 1876b.
- \_\_\_\_\_. *The origin of species and the descent of man and selection in relation to sex*. New York: The Modern Library, 1936.
- \_\_\_\_\_. *The origin of species*. 17 ed. London: Penguin, 1985 [1859].
- \_\_\_\_\_. *Extracts from the B-C-D-E Transmutation Notebooks*. 2011a. Disponível em: <<http://darwin-online.org.uk/content/frameset?viewtype=text&itemID=F1582&pageseq=1>>. Acessado em: 18. mar. 2011.
- \_\_\_\_\_. *Darwin correspondence project*. 2011b. Disponível em: <<http://www.darwinproject.ac.uk/entry-729>> e <<http://www.darwinproject.ac.uk/entry-2503>>. Acessado em: 24. mar. 2011.
- DENNET, D. C. *Aperigosa ideia de Darwin: a evolução e os significados da vida*. Tradução T. M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DESMOND, A. & MOORE, J. *Darwin: a vida de um evolucionista atormentado*. Tradução H. Santos; G. Pereira e M. A. Gelman. São Paulo: Geração Editorial, 1995.
- FREZZATTI JÚNIOR, W. A. *Nietzsche contra Darwin*. São Paulo/Ijuí: Discurso/Unijuí, 2001.
- HALÉVY, D. *Nietzsche*. Paris: Bernard Grasset, 1977.
- KAUFMANN, W. *Nietzsche: philosopher, psychologist, antichrist*. Princeton: Princeton University Press, 1974.
- LAMARCK, J. B. *Philosophie zoologique*. Paris: Flammarion, 1994.
- LEAKEY, R. E. & LEWIN, R. *Origens*. São Paulo, Brasília: Melhoramentos/UnB, 1980.

- MARTINS, L. C. P. *A teoria da progressão dos animais, de Lamarck*. Rio de Janeiro/São Paulo: Booklink/Fapesp/GHTC-Unicamp, 2007.
- MAYR, E. *One long argument: Charles Darwin and the genesis of modern evolutionary thought*. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília: UnB, 1998.
- MOREEL, M. J. F. *Le darwinisme, envers d'une théorie*. Paris: François-Xavier de Guibert, 2007.
- NIETZSCHE, F. *Escritos sobre história*. Tradução N. C. Melo Sobrinho. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2005.
- PENA, J. O. M. Nietzsche e Darwin. *Revista Brasileira de Filosofia*, 47, p. 3 – 26, 1997.
- RICHARDS, R. J. *The tragic sense of life: Ernst Haeckel and the struggle over evolutionary thought*. Chicago: University of Chicago, 2009.
- RICHTER, C. *Le monisme de Lamarck*. Paris: [s.n.], 1909.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche et les theories biologiques contemporaines*. 2 ed. Paris: Mercure de France, 1911.
- SMITH, C. U. M. Clever beats who invented knowing: Nietzsche's evolutionary biology of knowledge. *Biol. Phil.* 2, 1, p. 65-91, 1987.

